

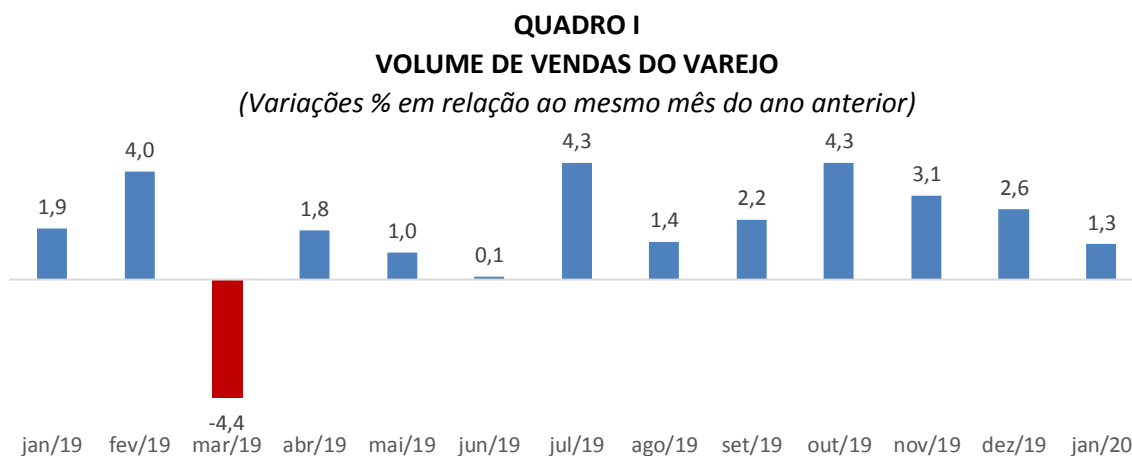
QUEDA MAIOR QUE A ESPERADA DO VAREJO EM JANEIRO JÁ REVELAVA FRAGILIDADE DO CONSUMO ANTES MESMO DO SURTO DO CORONAVÍRUS

CNC estima perda de R\$ 25,3 bilhões no faturamento a partir da segunda quinzena de março em regiões que respondem por mais da metade do varejo brasileiro.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) divulgada hoje (24/03) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do varejo registrou queda de 1,0% em janeiro, na comparação com dezembro de 2019, já computados os ajustes sazonais. A retração maior que a esperada para o primeiro mês do ano representou o pior resultado mensal para meses de janeiro desde 2016 (-2,6%).

Cinco dos oito segmentos pesquisados revelaram taxas negativas, com destaque para as retrações nas vendas de móveis e eletrodomésticos (-1,9%), combustíveis e lubrificantes (-1,4%) e hiper e supermercados (-1,2%). No comparativo anual, as vendas apresentaram a menor taxa (+1,3%) dos últimos sete meses e o resultado mais fraco para meses de janeiro desde 2017 (-1,2%).

Esses resultados já evidenciavam a fragilidade no processo de recuperação do consumo e, naturalmente, não capturam a forte perda de atividade econômica, verificada pelo setor a partir da intensificação da pandemia de coronavírus, decretada mundialmente no dia 11 de março.



Fonte: IBGE

De acordo com estimativas da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), somente nos três Estados com maiores volumes de vendas do Brasil e no Distrito Federal, as perdas diretas impostas ao setor pelo surto epidêmico do coronavírus devem chegar a R\$ 25,3 bilhões na segunda metade de março. Essas quatro regiões respondem por cerca de 52% do faturamento anual do setor. Não estão contabilizadas as perdas indiretas decorrentes da queda espontânea da movimentação dos consumidores nas lojas.

Em São Paulo, por exemplo, o Governo do Estado decretou o fechamento de lojas em diversos segmentos do varejo, entre 20 de março e 05 de abril, permitindo a abertura de estabelecimentos

comerciais especializados na venda de produtos essenciais, tais como alimentos, medicamentos e combustíveis. Segundo a estimativa da CNC, a perda no volume de vendas naquele estado chegará a R\$ 15,67 bilhões – uma retração de 29,9% em relação ao faturamento usual do setor.

No Distrito Federal, decreto semelhante entrou em vigor um dia antes (19 de março), estendendo-se até 05 de abril, e totalizarão perda de R\$ 815,33 milhões (-30,7%). Os estabelecimentos comerciais de Minas Gerais, que deverão permanecer fechados entre os dias 23 de março e 10 de abril, devem acumular faturamento de R\$ 4,45 bilhões (-27,3%), aquém do esperado somente nos oito últimos dias de março.

No Rio de Janeiro, o Governo Estadual baixou decreto recomendando o fechamento de shopping centers, reduzindo em 30% o horário de funcionamento dos estabelecimentos. Poucos dias depois, a Prefeitura decidiu que, a partir de hoje (24/03), todos os estabelecimentos comerciais especializados na venda de produtos não essenciais fechem as portas por tempo indeterminado. Dessa forma, a CNC estima uma perda desde o início das restrições de R\$ 4,40 bilhões no comércio fluminense.

QUADRO II
DECRETAÇÕES DE FECHAMENTO DE ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E IMPACTOS DA
PANDEMIA DO COVID-19 SOBRE AS VENDAS EM MARÇO DE 2020 – UFs SELECIONADAS

Unidade da Federação	Período	Segmentos do Varejo	Perda estimada de faturamento em março/2020
São Paulo	20/03 a 05/04	Varejo de rua e shopping centers, exceto super e minimercados, mercearias, farmácias, postos de combustíveis, lojas de conveniência, pet shops e venda de artigos essenciais.	R\$ 15,67 bi (-29,9%)
Minas Gerais	23/03 a 10/04	Varejo de rua e shopping centers, exceto super e minimercados, mercearias, farmácias e venda de artigos essenciais.	R\$ 4,45 bi (-27,3%)
Rio de Janeiro*	Desde 24/03 por tempo indeterminado	Varejo de rua e shopping centers na capital, exceto super e minimercados, mercearias, farmácias, postos de combustíveis, pet shops e venda de artigos essenciais. Shopping centers no interior do estado	R\$ 4,40 bi (-34,8%)
Brasília	19/03 a 05/04	Varejo de rua e shopping centers, exceto super e minimercados, mercearias, farmácias, postos de combustíveis, lojas de conveniência, lojas de materiais de construção, pet shops e venda de artigos essenciais.	R\$ 815,33 mi (-30,7%)

* decreto estadual de 16/03 antecedeu as medidas mais restritivas impostas pela prefeitura a partir de 24/03

Fontes: Secretarias de Governos Estaduais, Municipais e CNC

Projetar a gravidade e a extensão da atual crise sobre a economia e, mais especificamente, sobre o varejo esbarra na dificuldade de se estimar, neste momento, a magnitude da pandemia de coronavírus no país. Com o registro de novos casos ainda em aceleração no Brasil, neste momento ainda não é possível estimar o comportamento dos fatores condicionantes do consumo (mercado de trabalho, inflação, condições de crédito e confiança de consumidores e empresários) nos próximos meses.

Contudo, diante da drástica revisão nas expectativas de crescimento da economia por parte da própria equipe econômica (de +2,1% para +0,02% em apenas duas semanas), há de esperar uma significativa revisão das projeções quanto ao desempenho do varejo, neste ano. Diante da gravidade da crise global, a estimativa anterior da CNC para 2020 de que o varejo cresceria 3,5% (+5,3% no varejo ampliado) está definitivamente descartada, devendo a entidade posicionar-se quanto a uma estimativa mais precisa, tão logo seja possível detectar o impacto da crise atual sobre todos os condicionantes do consumo.

QUADRO III
PRODUTO INTERNO BRUTO E VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(var.% em relação ao ano anterior)

